

A LEITURA E A ESCRITA NO MUNDO DO TRABALHO: O QUE DIZEM OS ENGENHEIROS?

Bruna A. Franzen – brunalexandra.f@gmail.com

Universidade Regional de Blumenau - FURB

Rua Iguape, 535

89.012-590 – Blumenau - SC

Thais de S. Schlichting – tha_princess00@hotmail.com

Universidade Regional de Blumenau - FURB

Rua Vereador Alberto Laun, 97

89.140-000 – Ibirama – SC

Otilia L. de O. M. Heinig – otilia.heinig@gmail.com

Universidade Regional de Blumenau – FURB

Rua Edgar Von Büettner, 435

88.355-350 – Brusque - SC

***Resumo:** O presente artigo tem por objetivo refletir acerca das demandas de leitura e escrita no campo profissional das engenharias. Para tanto, entrevistou-se engenheiros de diferentes áreas, formados e que atuam em sua área de formação. As análises são de cunho qualitativo, estão inseridas na área da educação e trazem como fundamento as teorias dos novos estudos do letramento. A partir das entrevistas realizadas, percebeu-se que a leitura e a escrita estão presentes constantemente na profissão dos engenheiros, estes, contudo, revelam as dificuldades no momento de produzir um texto. Os dados apontam, ainda, para o pouco foco que há, durante a graduação, nas questões de leitura e escrita. Por fim, constatou-se que a formação do engenheiro continua sendo mais técnica, contudo as demandas atuais do mundo profissional sugerem que algumas questões sejam repensadas e reavaliadas.*

***Palavras-chave:** Mundo do trabalho, Engenharias, Leitura, Escrita*

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade grafocêntrica, permeada pela cultura escrita. Contudo, não basta saber ler e escrever para fazer parte integrante dessa sociedade. É preciso ir além, saber interagir em práticas de letramento nos diferentes campos de atuação. Saber fazer uso da leitura e da escrita, levando em conta o contexto, a situação e a cultura de cada espaço social.

Fizemos parte de diferentes campos da atividade humana, diversos lugares sociais nos quais assumimos papéis e identidades distintas; são espaços definidos socialmente, que possuem gêneros, ideologias e relações determinadas. O trabalho é um desses campos, em que precisamos saber interagir e dominar as práticas que fazem parte desse lugar. A partir das competências exigidas pelo mundo contemporâneo, diversas questões vêm sendo repensadas no campo do trabalho, nas mais diversas áreas. Mas, qual a relação da engenharia com todas essas questões de leitura e escrita?

A partir de pesquisas realizadas recentemente (HEINIG e RIBEIRO, 2011; VILELLA e RIBEIRO, 2010), temos percebido que a leitura e a escrita têm um papel importante na área

das engenharias. Pois, embora no senso comum se pense que a engenharia é basicamente numérica, a escrita é também necessária para a atuação profissional de um engenheiro. Estas questões fazem parte das discussões propostas no projeto denominado “Padrões e funcionamentos de letramento acadêmico em cursos brasileiros e portugueses de graduação: o caso das engenharias”¹. A este projeto estão vinculadas duas pesquisas em desenvolvimento, cujo foco está nas questões relacionadas à leitura e à escrita no campo profissional de engenheiros. Para essas pesquisas foram entrevistados engenheiros de diferentes áreas que são formados e que atuam em sua área de formação. E serão estes dados que traremos para a discussão no presente trabalho.

Antes de darmos continuidade às nossas discussões, é preciso, primeiramente, apresentar o conceito de letramento que guiará a discussão. O letramento é entendido como “um conjunto de práticas sociais, que envolvem o texto escrito, não do ponto restrito da linguagem, mas de qualquer texto. Portanto, aí vamos enveredar por um letramento que é plural, envolve, integra outras linguagens que não é apenas a linguagem verbal através dos textos.” (DIONISIO, 2007, p.210). Está relacionado ao processo de reflexão e construção que o sujeito faz a partir de textos diversos, é a visão ampla do mundo que proporciona a interação em diversas práticas e contextos sociais. Existem múltiplos letramentos, pois em nossa sociedade há múltiplos textos que circulam nos mais diversos espaços sociais, com os quais nos deparamos em curtos espaços de tempo (CASSANY, 2005). A partir da perspectiva proposta por Cassany, dos múltiplos letramentos, explicamos nosso foco de estudo. Nestes múltiplos letramentos está inserido o denominado letramento acadêmico, que diz respeito a práticas das quais o sujeito deve fazer parte para se inserir no meio da academia no período em que está realizando o seu curso de graduação. Contudo, o domínio, o conhecimento e a interação com diversas formas de letramento continuam ao longo da vida e atingem ao campo profissional também. Assim, temos definido a compreensão sobre o que é letramento, essa interação e esse conjunto de práticas socioculturais que envolvem o escrito. É nesse ponto que nos situamos para desenvolver o estudo proposto para este artigo, no que concerne aos usos da leitura e da escrita na profissão de um engenheiro, considerando o profissional que está sendo solicitado para o século XXI.

A pesquisa realizada é entendida como uma investigação qualitativa que está inserida na área da educação. Segundo Bogdan & Biklen:

A investigação qualitativa em educação assume muitas formas e é conduzida em múltiplos contextos. [...] Os dados recolhidos são designados por *qualitativos*, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, [...] Privilegiam essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação. (1994, p. 16, grifos do original).

Portanto, teceremos nossas análises a partir do que nos foi enunciado pelos engenheiros entrevistados. Para o presente trabalho, selecionamos entrevistas realizadas com dois engenheiros de áreas distintas da engenharia para que possamos discutir as demandas de leitura e escrita no mundo profissional de engenheiros. Para a coleta de dados, utilizamos a entrevista semiestruturada gravada em áudio, que, segundo Bogdan e Biklen (1994) propicia a certeza de se obter dados que possam ser comparados entre os sujeitos da pesquisa. Na entrevista semiestruturada o entrevistador guia a entrevista a partir de seu roteiro, contudo

¹ O presente projeto investiga alunos e professores de cursos de Engenharia e tem por objetivo “caracterizar padrões e funcionamento de letramento acadêmico em cursos brasileiros e portugueses de graduação”. É uma parceria realizada entre a Universidade Regional de Blumenau, no Brasil, e a Universidade do Minho, em Portugal. O projeto foi aprovado no Edital Universal 07/2009 e é financiado pela FAPESC.

isso ocorre informalmente, em forma de conversa, para que o entrevistado possa se sentir a vontade para falar de suas experiências. Ao abordarmos os dados coletados não apresentaremos os nomes dos sujeitos, estes são identificados como E1 e E2. O primeiro é engenheiro eletricitista, se formou no ano de 1995 e o segundo é engenheiro civil, formado em 2007, ambos atuantes em sua área de formação.

Após esta breve introdução, iniciaremos as discussões acerca da leitura e da escrita na vida profissional de engenheiros, o que dizem os sujeitos entrevistados sobre essas questões e quais as dificuldades encontradas. Para finalizar, faremos nossas considerações, com o intuito de propiciar novas reflexões e discussões acerca do estudado nesse breve artigo.

2 O MUNDO DO TRABALHO E SUAS EXIGÊNCIAS

Dentre tudo o que foi enunciado durante as entrevistas, selecionamos, para este trabalho, alguns excertos que nos auxiliarão a refletir sobre o contexto de leitura e escrita no campo profissional de engenheiros. Como ressaltado anteriormente, nossas análises têm como fio condutor os estudos do letramento que vêm sendo desenvolvidos. Além disso, é preciso destacar que nossas compreensões são formuladas a partir das teorias desenvolvidas pelo Círculo de Bakhtin. Nesta perspectiva, tudo que é enunciado por um sujeito é visto como uma resposta socioaxiológica a outro enunciado, que pode ser verbal ou semiótico. Dessa maneira, nenhum enunciado é neutro, pois surge sempre dentro de um contexto cultural determinado por significações e interações, “[...] a enunciação só se realiza no curso da comunicação verbal, pois o todo é determinado pelos seus limites, que se configuram pelos pontos de contato de uma determinada enunciação com o meio extraverbal e verbal (isto é, as outras enunciações).” (BAKHTIN, 1992 p.125). Para formular as análises aqui apresentadas, partimos do entendimento que estamos entrevistando engenheiros formados e atuantes em sua profissão. Além disso, estão respondendo a uma entrevista direcionada para uma universidade, isso tudo exerce uma determinada influência no que foi dito por eles. É preciso considerar as identidades, únicas e diferentes. Cada um dos sujeitos trazidos para a presente discussão possui uma história e experiências distintas, mas a partir disso podemos inferir o que foi proposto para este trabalho e refletir acerca da função da leitura e da escrita na profissão do engenheiro.

No decorrer do nosso dia a dia, ouvimos que o engenheiro precisa ter um raciocínio lógico e técnico, o que é primordial para a sua profissão. Isso não basta, entretanto, para suprir as demandas atuais é preciso ser um profissional que saiba interagir, que saiba usar a linguagem, que consiga redigir adequadamente um texto, selecionar leituras e materiais que sejam úteis para o seu cotidiano no trabalho. É isso que faz o diferencial, são as competências cada vez mais exigidas pelo campo profissional. Isso está presente nos dizeres das entrevistas realizadas. Contudo, por diversas vezes a formação desse engenheiro não dá conta de atingir todas essas competências. Mas, para pensar na formação é preciso pensar, primeiramente, naquilo que se exige no campo profissional: com que textos um engenheiro se depara? Que compreensões ele deve assumir? Não pretendemos responder a essas perguntas no presente artigo, mas refletir acerca dessas questões e, para tanto, trazemos os nossos dados.

Iniciamos as entrevistas apresentando uma preocupação relatada por José Roberto Cardoso² à rádio CBN em 26 de julho de 2010, sobre a dificuldade dos engenheiros em redigir um texto em testes de empregos. Ao conversar com alguns engenheiros, eles abordam

² Diretor da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo e coordenador do Conselho Tecnológico do Sindicato dos Engenheiros do Estado de São Paulo.

também questões que caminham nessa direção. E1 traz o que é pertinente no que concerne à leitura e à escrita no campo de trabalho:

se vê:: a necessidade de poder (+) é::' como é que eu posso dize::r (+) impor as suas ideias' mostrar o:: pelo me::nos não/ não precisa ser conhecime::nto mas assi::m a:: o Ponto de vista' sabe::r dialoga:' se expressar' [...]depois que a pessoa TÁ no:: no trabalho fazendo:: desenvolvime::nto de alguma coisa ele precisa (+) TAMBÉ::m dialoga::' [...] vo::u botar na minha área' é:: desenvolvimento de produto eu trabalho' então eu preciso faze:: é:: especificação básica de alguma coisa que a gente vá desenvolver' de algum produto o::u é:: (+) desenvolve::r algu::m ensaio' algu::m relató::rio' eu preciso saber como expressar o que que:: eu vo faze::' o que que eu fi::z e quais os resulta::dos tem que ser bem objetivo' não tem outro jeito se não descrevendo né³

Este engenheiro inicia sua fala ressaltando a “necessidade” de saber se expressar e se expor adequadamente no campo profissional. A partir disso percebemos que no campo da engenharia é necessário também escrever e, mais do que isso, conseguir interagir com o texto, de maneira que quem leia consiga compreender o que está sendo dito, sobre isso. E1 apresenta ainda que o dia a dia de um engenheiro:

é:: fazer relatórios' expressar ideias e:: po::r' é:: como que é:: especificar um desenvolvimento de produto' alguma coisa assi::m' então tem que ter a escrita' e:: de preferência com um português CLA::RO e:: objeti::vo' e:: sem/ se::m muitos erros de concordância' não' não induzi:: a:: ideias diferentes do que se tá propondo'

Ao refletir sobre essa informação, é perceptível que a questão vai além de saber codificar ou decodificar, mas interagir e conseguir organizar as ideias de forma articulada para que o texto seja compreendido. Uma questão que se coloca diante do exposto é a reflexão sobre a forma de se aprender a trabalhar e a usar o escrito no dia a dia profissional. Já que, na maioria das vezes, essas questões não são abordadas durante a graduação. É o que E2 explicita quando perguntado sobre como aprendeu a trabalhar com os gêneros que ele produz em seu trabalho: *Eu aprendi sozinho e um pouco na pós. Na graduação quase nada porque não tem matéria pra isso, quase não tem matéria, como eu vou dizer...* A partir dos enunciados desses dois engenheiros iniciamos nossa reflexão sobre as atribuições no campo profissional de um engenheiro. Como exposto inicialmente, o profissional contemporâneo precisa adquirir múltiplos letramentos, além disso, “Cada texto é uma invenção social e histórica de um grupo humano e adota diferentes formas em cada momento e lugar, as quais evoluem ao mesmo tempo que a comunidade. Aprendemos a usar um texto participando dos contextos em que se usa.” (CASSANY, 2005, p.3). Em cada lugar social que nos inserimos há textos diversos. Muitas vezes é na convivência que aprendemos a utilizá-los, porém a pergunta que se faz é se no campo profissional isso também deveria ser assim, visto que a universidade tem por objetivo preparar o profissional para o mercado.

Ao analisar esses dois enunciados apresentados, de dois engenheiros de áreas distintas, percebemos duas questões importantes para serem discutidas: primeira, um engenheiro

³ As entrevistas foram transcritas seguindo as convenções expostas por Marcuschi (1986): (+) indica marcação de micropausa, (...) indica que parte da fala foi omitida, :: indica prolongamento de som precedente, , indica elevação média de entonação, ” corresponde à uma subida rápida (como um ponto de interrogação), ' para descida leve ou brusca, MAIÚSCULA indica ênfase.

precisa saber usar e produzir textos em seu campo profissional, de uma forma clara, coerente, coesa e objetiva. Segunda, muitas vezes o profissional precisa aprender por sua conta, no dia a dia profissional, pois na faculdade essas questões não são discutidas.

Com isso, inferimos as relações de leitura e escrita que permeia cada campo da atividade humana, além disso, a formação do engenheiro vai além das habilidades focadas durante o período de graduação, até porque, conforme Street (2003, p. 77-79), o letramento

é uma prática de cunho social, e não simplesmente uma habilidade técnica e neutra; que está sempre incorporada a princípios epistemológicos socialmente construídos [...] Práticas de letramento, então, referem-se a mais ampla concepção cultural de determinadas formas de pensar e fazer a leitura e a escrita em contextos culturais.⁴

Destacamos o “pensar e fazer a leitura e a escrita em contextos culturais”. Ao trazermos o tema tratado neste artigo para a área da educação, mais especificamente, para os estudos da linguagem, estamos sugerindo que mesmo as profissões técnicas estão inseridas em lugares sociais, dos quais a cultura escrita faz parte. Como enunciado no início deste artigo, estamos inseridos em uma sociedade grafocêntrica e a cultura escrita faz parte intermitente de nossas práticas, discussões e ações.

Outra questão que chama atenção nos dizeres dos engenheiros é a relação entre a academia e a prática profissional. O segundo engenheiro logo destacou que aprendeu a produzir os textos exigidos em sua profissão com as experiências e as práticas diárias, ressaltando que isso não foi focado na faculdade. E2 diz ainda qual a sua opinião sobre o que poderia ser focado no período da faculdade: *Eu acho que cada semestre deveria ter uma cadeira pra gente pesquisar e ir escrevendo textos. É, relatórios. Que tivesse relatórios e laudos, que nos desse apoio pra quando a gente sai pra não chegar lá e aprender lá né?* Percebemos então, que o que se espera é que haja uma estreita relação entre as práticas de letramento da academia e as práticas de letramento no mundo do trabalho. Pois é no período de formação que esperamos aprender a base do que se seguirá na vida profissional, embora percebamos que, na área da engenharia, essa importância em termos de leitura e escrita é percebida somente com o tempo. E o conceito letramento, segundo Zavala,

[...] envolve saber como falar e atuar em um Discurso, e o letramento acadêmico, como falar e atuar em Discursos acadêmicos. Isso significa que o letramento não é algo que se pode ensinar formalmente em uma série de sessões introdutórias. E isso se deve ao fato de que as pessoas se tornam letradas observando e interagindo com outros membros do Discurso até que as formas de falar, atuar, pensar, sentir e valorizar comuns a esse Discurso se tornem naturais a ela. (2010, p.72-73).

Dessa forma, compreendemos ao que E1 está se referindo quando diz: *então' a:: conhecimento:: que se aprende na faculdade é importante' li::vros' as matérias que foram' ló::gico tu não vai usa::r tu::do que tu aprendeu na faculdade' ma::s é:: correr atrás de:: de assuntos no::vos' sempre tem muita coisa aparecendo' a gente tá corre::ndo cada vez.* Muitas questões, portanto, serão adquiridas e aprendidas realmente no cotidiano, a partir da convivência e da inserção nas práticas exigidas pela profissão. Pois é a partir do momento que passamos a fazer parte de um ambiente é que passamos a usar seus discursos e a compreender as exigências ali presentes. Segundo Gee,

⁴ “is a social practice, not simply a technical and neutral skill; that it is always embedded in socially constructed epistemological principles [...] Literacy practices, then, refer to the broader cultural conception of particular ways of thinking about and doing reading and writing in cultural contexts”.

Um discurso é uma associação socialmente aceita de formas de utilizar a linguagem, outras expressões simbólicas e “artefatos”, de pensar, sentir, crer, atribuir valor e atuar que podem ser utilizadas para identificar um indivíduo como membro de um grupo socialmente significativo ou “rede social”, ou para indicar (que o indivíduo está desempenhando) um “papel” socialmente significativo. (2005, p.144, tradução nossa).

O que se expõe vai além de se inserir no campo da engenharia e de dominar os discursos desse espaço. São exigências que aparecem com o desenvolvimento e com as mudanças que vêm ocorrendo. Por isso voltamos nossa reflexão também para a Universidade e às questões que são importantes para a formação do profissional da engenharia. Sobre a formação, E2 diz ainda que: *Na verdade, os três primeiros anos de engenharia são só números, e nada que vai ser realmente útil pra engenharia é só pra dar subsídio né*. O parecer 1362/2001 do Conselho Nacional da Educação (CNE/CES) orienta sobre as especificidades da profissão de um engenheiro e as competências que devem estar presentes na formação deste profissional. Tem-se que:

O perfil dos egressos de um curso de engenharia compreenderá uma sólida formação técnico científica e profissional geral que o capacite a absorver e desenvolver novas tecnologias, estimulando a sua atuação crítica e criativa na identificação e resolução de problemas, considerando seus aspectos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais, com visão ética e humanística, em atendimento às demandas da sociedade.

Com isso, depreendemos a ampla abordagem a ser trabalhada nos cursos de engenharias. O parecer especifica, ainda, algumas competências e habilidades que os cursos de engenharia devem abordar na formação do profissional engenheiro. Dentre elas destacamos a alínea “i”: i) comunicar-se eficientemente nas formas escrita, oral e gráfica. Dessa forma, compreendemos que já na graduação se espera que o engenheiro tenha uma iniciação acerca dos usos que fará da leitura e da escrita no momento que ingressar no campo profissional. Isso muitas vezes acaba por não acontecer, porque a formação do engenheiro ainda é compreendida como técnica, em que se deve focar somente nos cálculos. O que certamente é fundamental, mas não exime a necessidade do trabalho com a leitura e a escrita voltada para a atuação futura. Conforme destacamos, quando passamos a fazer parte de um espaço social determinado, passa-se a compreender suas ideologias e a aprender seus gêneros, todavia, quando o profissional sai da universidade, se pressupõe que tenha havido uma formação ampla em todos os aspectos que abrangeram sua vida profissional.

3 CONSIDERAÇÕES

Ao iniciar o presente artigo propusemos compreender as demandas de leitura e escrita no campo profissional das engenharias. A teoria apresentada e os dados analisados corroboram o uso da leitura e da escrita como algo presente no dia a dia profissional de um engenheiro. Contudo, são encontradas dificuldades no momento de se expressar claramente e de expor de maneira coerente e concisa o que precisa ser apresentado, ou seja, *não’ não induzi:: a:: ideias diferentes do que se tá propondo*. Além disso, conforme apresenta E1, é necessário, na profissão de um engenheiro, saber dialogar, expor as idéias tudo isso *com um português CLA::RO e:: objeti::vo*.

O letramento, conforme expusemos, é, normalmente, adquirido a partir das práticas e da convivência cotidiana no campo de atuação, contudo quando se trata da inserção em práticas que fazem parte do mundo profissional esse processo pode ser repensado. Todo

engenheiro passa pela formação acadêmica e o objetivo dessa formação é preparar o profissional de maneira ampla para as atribuições que encontrará diariamente. Contudo, as disciplinas que focam questões de leitura e escrita são pouco valorizadas nos cursos de graduação de maneira geral. O profissional está ingressando em espaços distintos, que exigem letramentos especializados, para interpretações de textos, tabelas, gráficos e plantas. Além de produção de relatórios, memorandos e diários, gêneros frequentemente usados por engenheiros. Contudo, se o profissional não estudou esses gêneros durante a graduação ou não teve nenhum subsídio para dominá-los, encontrará dificuldades no momento de produzi-los e de iniciar seus relatos. Percebemos, com isso, que as orientações e o trabalho com essas questões se tornam necessárias, pela função que a leitura, a escrita e a oralidade têm nesse contexto das engenharias.

Os entrevistados destacam, ainda, que é essencial saber se expressar e utilizar a linguagem adequadamente, pois diariamente os engenheiros interagem com pessoas diversas e precisam ser claros no que estão expondo. Neste sentido, eles ressaltam a necessidade de saber escrever, por exemplo, e-mails, instrumento muito utilizado para a comunicação interna e com clientes, para tanto é necessário adaptar a linguagem da engenharia para uma linguagem mais informal e acessível ao destinatário. Já a leitura é apontada como forma primordial para compreensão de normas e para interpretação de projetos.

A partir de toda a discussão abordada no presente artigo, percebemos que a reflexão acerca do letramento no campo de trabalho de engenheiros é o início de muitas discussões que se abrem. A partir dos excertos apresentados aqui, percebemos o quanto a leitura, a escrita e a oralidade estão presentes na profissão de um engenheiro. A partir disso, algumas perguntas permanecem latentes: a formação do engenheiro deveria dar maior ênfase às questões de leitura e escrita do campo profissional das engenharias? Como amenizar as dificuldades encontradas por tanto engenheiros quando iniciam suas vidas profissionais? Tendo em vista as demandas contemporâneas, o domínio de diferentes linguagens e o saber produzir um texto coerente são questões que fazem a diferença em um profissional da engenharia? Enfim, muitas perguntas que deixamos para serem discutidas em próximos trabalhos e em novas reflexões que se farão necessárias a fim de compreender todo esse contexto de letramento, de leitura e de escrita, dessas atribuições do mundo profissional.

REFERÊNCIAS:

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, Hucitec, 1992

BOGDAN, R. ; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Editora: 1994.

CASSANY, D. **Investigaciones y propuestas sobre literacidad actual**: multiliteracidad, internet y criticidad. 2005. Disponível em:
<www2.udec.cl/catedraunesco/05CASSANY.pdf>. Acesso em: ago. 2006.

DIONÍSIO, M.L. Educação e os estudos atuais sobre letramento. Entrevista. **Perspectiva**, v. 25, n. 1, jan./jul. 2007. Entrevista concedida a Adriana Fischer e Nilcéa Lemos Pelandré. Disponível em:
<http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva_numeros_anteriores_2007_01.php>. Acesso em: 16 fev. 2009.

GEE, J. P. **La ideologia en los Discursos**: lingüística social y alfabetizaciones. Tradução do castelhado de Pablo Manzano. Madri: Ediciones Morata, 2005.

HEINIG, O. L. de O. M.; RIBEIRO, G. O letramento no processo de formação do engenheiro civil. **Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, v. 6, n. 1, p.53-78, abr. 2011. Disponível em: <<http://www.furb.br/atosdepesquisa/>>. Acesso em: 28 maio 2011.

RIBEIRO, A. E.; VILLELA, A. M. N. “ENGENHEIRO NÃO SABE ESCREVER”: ESTEREÓTIPOS IMPRODUTIVOS E O ENSINO PORTUGUÊS. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 15, 2010, Belo Horizonte. **Covergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2010. v. 1, p. 1 - 13.

STREET, B. What’s “new” in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. **Current Issues in Comparativ Education**, 5 (2), p.1-14, 2003b.

ZAVALA, V. Quem está dizendo isso?: letramento acadêmico, identidade e poder na educação superior. In: VÓVIO, C.; SITO, L.; GRANDE, P. (Orgs). **Letramentos**: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisa em lingüística aplicada. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. p. 71-95.

READING AND WRITTEN IN THE WORLD OF WORK: WHAT DO ENGINEERS?

***Abstract:** This article aims to reflect on the demands of reading and writing in the professional field of engineering. To this end, engineers were interviewed in different areas, formed and operating in their area of training. The analysis is a qualitative one, are included in education and lead to foundation of new theories of literacy studies. From the interviews, it was noticed that reading and writing are constantly present in the profession of engineers, they nevertheless reveal the difficulties in time to produce a text. The data also point to how little focus there for graduation, the issues of reading and writing. Finally, it was found that the formation of the engineer is still more technical, but the current demands of the professional world suggest that some questions should be reconsidered and reevaluated.*

***Keywords:** World of Work, Engineering, Reading, Writing*